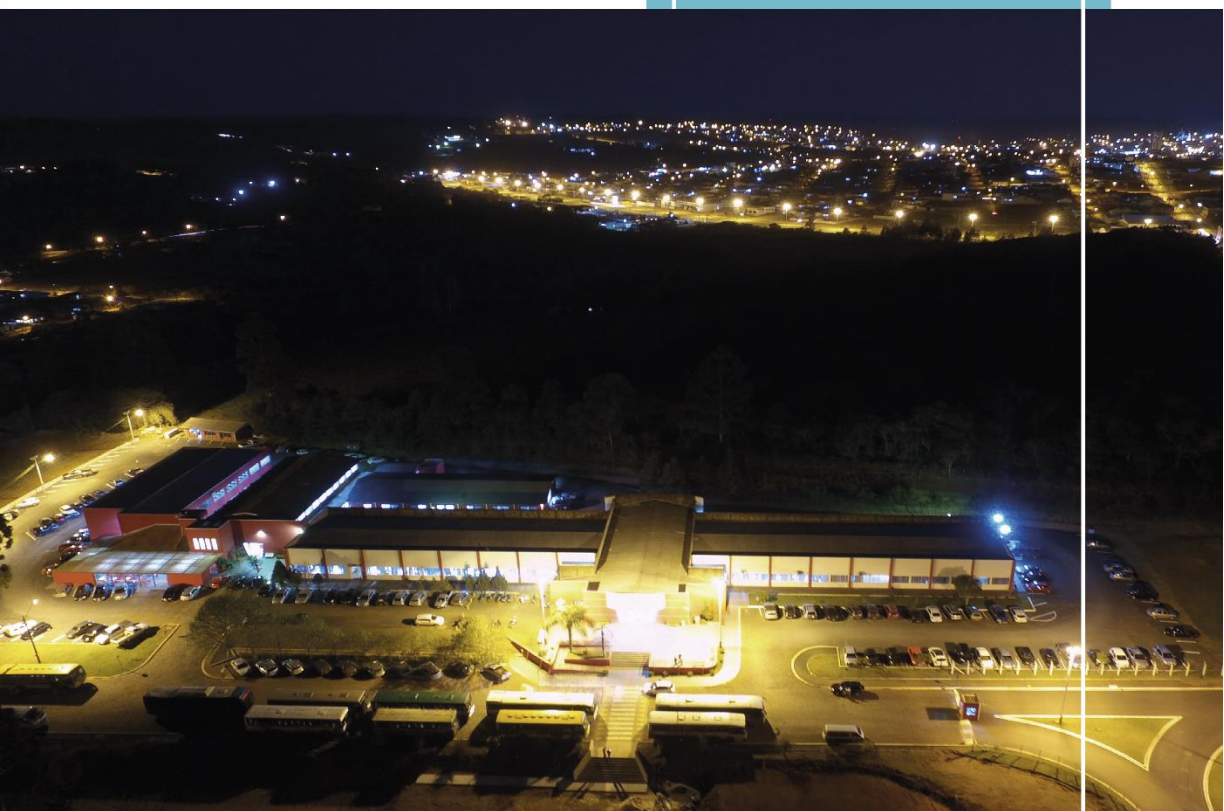


UTP | FACULDADES
DO CENTRO DO
PARANÁ

Ensino por Ideal

ISSN: 2675-5556



POESIAS

CONTOS E CRÔNICAS

CULTURA DE PAZ

POESIAS

CONTOS E CRÔNICAS

CULTURA DE PAZ

Volume 3

2020

UCP | FACULDADES
DO CENTRO DO
PARANÁ

Ensino por Ideal

EXPEDIENTE

Revista anual da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná, UCP

“Poesias, contos e crônicas” é um periódico semestral da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná (UCP) e tem como objetivo publicar produções literárias, tanto do público acadêmico interno, quanto da comunidade externa. Os trabalhos versam sobre temáticas que variam a cada volume. O Volume 3 tem como tema a Cultura de Paz, em homenagem ao Grupo de Estudos: Cultura de Paz, Direitos Humanos e Sustentabilidade da Faculdade UCP e UCP Univale.

Diretora Geral da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná - UCP

Jane Silva Bühler Taques

Organização

Jane Silva Bühler Taques

Diagramação e Capa

Jefferson Silvestre Alberti dos Santos

Setor de Marketing da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná (UCP)

Endereço para correspondência:

Av. Universitária, km 0,5 Linha Cantu.

CEP 85200-000 – Pitanga, PR - Brasil

Telefone: (42) 3646-5555

Site: www.ucpparana.edu.br

Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná — UCP

POESIAS

CONTOS E CRÔNICAS

CULTURA DE PAZ

Volume 3

2020

Poesias, Contos e Crônicas: Direitos Humanos. Pitanga/PR

Volume 3, 2020.

Publicação de poesias, contos e crônicas da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná - UCP

Direitos reservados deste volume (2020):

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.

A revisão e todas as opiniões e informações expressas em cada um dos artigos são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores.

P743 Poesias, contos e crônicas: Direitos
Humanos. / Faculdade de Ensino Superior do
Centro do Paraná. – Pitanga, v. 3, 2020.

33 f. : il.

Semestral

1. Poesias. 2. Pitanga. I. Título. II. Faculdade de Ensino
Superior do Centro do Paraná - UCP.

Sumário

Prefácio.....	08
<i>Jane Silva Bührer Taques</i>	
1.A mãe que não conheci.....	10
<i>Diogo Francisco Antunes</i>	
2.Em tempos de Pandemia.....	12
<i>José Altevir M. B. da Cunha</i>	
3.Na pele.....	14
<i>Thaynara Cristina Silva</i>	
4.No corpo.....	16
<i>Thaynara Cristina Silva</i>	
5.O tempo das coisas.....	20
<i>José Altevir M. B. da Cunha</i>	
6. Senhora Empatia.....	22
<i>Gabriel de Souza Mussato</i>	

7.Sociedade apática.....	24
<i>Leticia Antunes Ribas</i>	
8.Un poema a menos.....	26
<i>Thaynara Cristina Silva</i>	
9.Un verson para Humanidade.....	27
<i>Gabrieli Krawes</i>	
10.Vidas Negras.....	28
<i>Harryson Jonas da Silva de Almeida</i>	
11.Vivência na paz.....	33
<i>Agnes Izumi Nagashima</i>	

Prefácio

“Cultura de Paz”

A Faculdade do Centro do Paraná (UCP), com o objetivo de estimular a produção literária nas categorias Poesia, Contos e Crônicas entre a comunidade acadêmica, alunos, egressos da graduação e da pós-graduação, funcionários da Instituição e comunidade externa, desenvolve o Periódico Poesias, Contos e Crônicas, com a temática, deste ano, Direitos Humanos e Cultura de Paz.

Por muito tempo a produção acadêmica tem se concentrado em artigos, resenhas e demais produções teóricas e referenciais, sendo deixado de lado, muitas vezes, a produção cultural. Mas o espaço universitário é lugar, de direito, do debate, da produção, manifestação e disseminação de cultura, principalmente por meio de textos literários, que representam, também, um dos meios mais clássicos de expansão da cultura e da produção de sensações nos leitores.

A temática deste ano leva em consideração os princípios de base dos direitos humanos, pois não há como termos sociedade sem preservar a vida e a cultura de paz. Sendo assim, os textos aqui apresentados levam, em sua essência os sentimentos que fortalecem cada linha dos versos, dos poemas, bem como cada palavra das crônicas e contos.

Mais uma vez a Faculdade do Centro do Paraná (UCP) consegue reunir excelentes escritores com textos sublimes para encantar e

valorizar os processos culturais manifestados pelos estudantes, colaboradores e comunidade externa que sempre estão envolvidos com a instituição e suas atividades, é isso que nos transforma em uma das melhores Instituições de Ensino Superior do Paraná.

Deixamos vocês com o deleite da leitura dos textos desta edição, é um imenso prazer poder publicar maravilhas da escrita, tornando público a criatividade, imaginação, conhecimento e aventuras dos escritores que aqui se apresentam.

Ótima leitura

Prof. Jane Silva Bühner Taques

Diretora Geral da UCP

1

A Mãe que não conheci

*Tributo a Marsha P. Jhonson

“Mãe”

Mais um ano se passou.

Quando você foi embora eu estava começando minha vida.

Três anos é uma idade tenra para deixar um filho que não te reconhecia, mas hoje reconheço e vejo que você sempre zelava por seus filhos.

Tu que gritou “*basta, chega de nos matar*”, humilhar, ignorar e tantas outras palavras durante a sua vida e a sua luta para proteger a todos nós, para possibilitar a mudança de nossa história. E mudou, muita coisa mudou desde aquele dia e precisa mudar mais ainda.

Ah mãe, o seu grito e o de suas filhas e filhos a partir de 1969 possibilitou o início de nossa caminhada, eu não estava presente neste mundo. Mas hoje, sinto uma chama aqui dentro que clama por liberdade, visibilidade, justiça e por paz.

É estranho tantos anos terem se passado para então te conhecer, ouvir a sua voz, ver seu sorriso e visualizar como foi o seu caminho até o ano em que completei três anos, quando meus pais biológicos nem imaginavam quais os lugares eu iria seguir até hoje.

Aquele bebê cresceu e despertou para algo que ele não compreendia até pouco tempo. Sabe mãe, agora eu compreendo minha existência e finalmente achei minha razão de estar aqui.

Diogo Francisco Antunes

2

Em tempos de Pandemia

Luísa, menina linda, travessa, cheia de perguntas, acaricia seu travesseiro, e pergunta ao mundo onde estão todos. Ao levantar, se apercebe sozinha, percorrendo o jardim com seus olhos preocupados, muito silêncio. Nem os pássaros vieram, além do tempo nublado.

Todos os seus estão distribuídos pelos quartos, trabalhando, palestrando, e Luísa teria aulas em seu celular.

Como assim (?) se pergunta, sentindo-se enclausurada com os demais. Sem o carinho dos amigos, sem recreio, sem aquela estacionada no shopping, saudades da professora, ali presente numa maçã que hoje não foi levada.

O silêncio parecia algo ensurdecedor, semelhante a um grito de socorro na madrugada. Daqueles que você ouve, procura, mas nada encontra, restando tão somente ver o retrato e a história dos envolvidos nas páginas sangrentas dos jornais. E você não pode fazer nada, embora os pedidos de socorro estivessem tão perto.

Luísa, percorre as gavetas e se atem às fotografias antigas, porque as contemporâneas estão num *pen drive* e não tem a doçura dos amarelados semblantes, as quais caíam em seu colo singelo, oportunizando muitas perguntas.

Cada foto contava uma história, e, por incrível, somente as boas. Sorrisos estampados, roupas diferentes, mamãe tão linda com Luísa no ventre, recebendo carícias do papai.

Mas onde estão todos os atores desses álbuns estranhos? E assim Luísa fez um belo passeio, descobrindo o passado daquelas pessoas que constroem a sua vida.

Alguns habitam o céu, outros estão se divertindo em longas viagens, e tem aqueles que estão inconformados, reclamando de tudo.

Faz silêncio.

Luísa pausa em algumas fotografias, quando é interrompida pela voz suave da mamãe, que a convida para as rotinas do anoitecer.

Mais um dia que ingressa na noite, a família volta a sair dos seus casulos da mesma casa.

A chuva continua bordando a sua janela, e as luzes parecem escolher as plantas mais bonitas para mostrar. Luísa faz desenhos no vidro, com a pureza do seu hálito.

O “lá fora” da casa está tão distante e o dia inicia, acaba, inicia, e os cantos da casa já estão em sua memória. Volta aos antigos álbuns de família, e como quem viaja ao passado, vai conhecendo mais gente, uns bonitos, outros censuráveis e todos com uma inexplicável luz no peito.

Vão-se as horas e Luísa fica em êxtase com tanta gente nova em sua vida. Quantas histórias e biografias obrigatoriamente serão versados por papai e mamãe, no aconchego da noite.

Perguntada sobre os tempos de clausura motivada pela Pandemia, retrucou Luísa:

Que pandemia? Estou viajando estes dias.

José Altevir M. B. da Cunha

3

Na pele

A paz caiu, despedaçou-se
recolheram suas partes do chão
a puseram sobre a mesa.
Quem passava, pegava um pedaço
guardava-o no bolso, ou jogava-o na bolsa
lembrava-se dela quando já estava murcha
quando se estava distraído,
esbarrava com ela, no bolso, na bolsa.
Pegava na mão, andava pela casa
segurando-a, sem saber manuseá-la
sem traquejo, quase, quase, ela cai novamente.
Então decidira planta-la
vai ver que ela é de crescer que nem árvore.
Demorou, demorou,
ela encheu a pele, apareceu como estofô, e

transbordou, porque não se teve coragem de podá-la.
Ela ia atravancando o caminho, enroscava-se.
Mas não quebrava atoa, era forte.
Às vezes levava quem a plantou,
Às vezes ela era levada
Não era preciso muitos cuidados.
Na borda da pele ela era desengonçada,
porém suas raízes profundas eram de tamanha delicadeza
que transpassavam coração, aorta, olhos,
e não machucava.

Thaynara Cristina Silva

4

No corpo

Amo essas horas abatidas, que me trazem a experimentação de uma sensação nobre e delicada, desprovida de intenções. Esses minutos efêmeros, depois de já se ter feito o que tinha que se fazer. Nada me apetece. Nenhum acontecimento, nenhum som agudo, nenhum incêndio por começar em minha mente, nenhum tiquetaquear arrastando-me às pressas. Meu coração se faz sereno e não me surra o peito. E tenho por intuição, o número de minutos daquele instante, o que faz com que eu possa ficar despreocupada, já que não olho para o relógio e ele também não me olha.

Vou escada acima, na ponta dos pés. Não há agora o grande silêncio, mas sim conversas abstratas, que são poucas, pois chego cedo, e não há quase ninguém por ali. Quanto mais avanço os degraus, mais avanço a vida, e de certo, penso que evitar esse adiamento é absoluto impossível. Não é ainda inverno, mas as folhas caídas e o pôr do sol frio evocam a estação. No pátio não há cadeiras, são apenas bancos compridos de madeira, rodeando as plantas que ali, me despertam um sentimento estranhíssimo de organização.

Foi quando ainda desfrutando dos minutos, e dos vários passos que faltavam até chegar à sala, que me deparei com um cartaz. Feito de papel fino, tão facilmente danificável, dependurado por apenas três das quatro extremidades. Fora preso com grandes pedaços de fita, que deveria estar o mantendo preso à parede por completo. De qualquer

maneira, quem o colou ali, não o fez direito. Um súbito silêncio estancou-me, de modo a pensar que estivesse completamente sozinha.

Com os olhos ainda fitos no papel, li pela segunda vez. Se a alma existe, deve essa ser cheia de nós, e eu acabara de fazer mais um. Falhou-me a leitura pela quarta vez, e por não mais conseguir ler por completo, que me encontrei nesse estágio inútil. E a sordidez pérfida, que envolve minha existência, fez-se presente.

Li de novo. Dessa vez mexendo a boca, fazendo som. E escutava palavra por palavra, espantada com essa bruta inquietação que aquele papel me estava causando. Desejaria construir um caminho fácil, para que eu pudesse sair depressa e sem marcas desses momentos. Entretanto, o mundo é caótico, regido pelos que se movem para o conflito, e não há margem a que se segurar para fugir. Nessas horas de emergente horror, torna-se impossível não ser o alvo que essas palavras atingem.

- Meu Deus! Por que ainda se tenha que escrever isso.

Sim, ainda sentia que estava sozinha, mesmo não estando, falava em voz alta. Se penso e olho, para ver essa solidão, a realidade se sobrepõe, e encaro corpos passando inativo de sensações. Ao mesmo tempo em que meu corpo, complexado, querendo correr dele mesmo, volta-se para a parede. Aquela seria a primeira vez em que lera aquilo. Fosse o que fosse: um amigo por me chamar, o sinal tocando, o professor passando depressa, eu levaria comigo essa inquietação.

Ouvi que as pessoas apanharam seus cartazes e se foram em caminhada pelas ruas. Havia chamadas que dançavam sobre os rostos de quem as seguravam. Havia crianças e idosos, e os jovens se faziam maioria. Havia palavras muito mais obstinadas e selvagens, abrindo feridas, mais ferozmente que aquelas no cartaz dependurado. Havia muito mais para ouvir se eu o tivesse mantido a atenção.

Eram palavras simples, poucos minutos de meditação e as pessoas chegariam ao mesmo resultado. Porém os que liam, em sua maioria, tinha corpos imponderados. E essas coisas me desesperam, fazendo com que minhas horas abatidas me despertassem o horror, e as mesmas chamas dançantes vinham incendiar minha mente.

Minhas pernas subiam cambaleando, pois meu corpo estava pesado. É verdadeiramente difícil tomar tudo pra si, e costurar na própria alma.

O último sinal soou firme, e eu parti para outro momento de hora abatida. Mas o meu silêncio aborrecido me intimidava, para amala. Nem era a necessidade de desvencilhar-me dos sentimentos que havia me encontrado, era mais uma força nova, segurando firme na minha pele, fabricando em mim, uma vontade de ação.

Considerava essa mudança insignificante ao universo, porém tornou-se um estigma na minha alma. Considerar que ainda era preciso pedir por isso, tornar forma de cartaz, fazer-se presente escrito por ai, pareceu-me uma angustia da sabedoria. Tal lucidez me despiu-me.

Há mais gente no pátio nessa hora da saída, o tempo frio, fazia todos irem depressa. Passei pelo cartaz ainda dependurado. Cada vez mais me era difícil acreditar que fosse preciso afirmar nossa igualdade. E de fato não resisti à ação de lê-lo novamente, como que para me lembrar desse incomodo, eu era guiada por essa vontade de verdade. Não podia imaginar aquela frase, tão pouco simpática para mim, feita por ai aos montes, escrita por todas as partes e de todas as formas. Pensar que alguém pudesse imaginar que de certa forma possa-se possuir algo que transfere um corpo verticalmente em posição aos outros, imaginar que pudesse tal alguém estar agindo com indignidade e inconsciência. E lá estava eu de novo, apanhada envolta por aquele cartaz, eu sentia. Sentia as grades de uma cela infinita que não se pode enxergar, me sitiando.

Em um gesto e tom sem cerimônia, a voz de uma garota,
atravessou minha cela e meu rosto, lendo o cartaz:

- Vidas negras importam – sua voz falhou no final.

Thaynara Cristina Silva

5

O tempo das coisas

Uma manhã chuvosa preenchia o universo daquela senhora que espreitava pela janela do seu quarto, como quem viaja no sonho imaginário, entre barcos e velas.

O tempo da sua existência, parecia longo demais. Acordou, fez muitas coisas, e ao voltar à janela, a paisagem parecia ser exatamente a mesma.

O seu tempo não passou.

E assim a nossa personagem percorreu todos os cantos da casa, como quem busca alguma novidade, qual fosse.

Nada além de uma pequena goteira, que ousadamente invadia o seu território. Somente ela quebrava o silêncio do seu habitat. Somente ela entretinha seu tempo e suas horas. Nenhuma providência a ser tomada, a não ser apará-la com um vasilhame qualquer.

Ao final, essa adorável goteira lhe faria companhia na noite de sono até o amanhecer, uma companhia que iria embora com sol.

Sem ela, iniciou nova caminhada pelo universo das suas paredes. Suas mãos trêmulas invadiram gavetas e portas do mobiliário. Fixou parada no guarda-roupas de madeira maciça com desenhos encravados, e fez dos seus vestuários a doce lembrança dos momentos especiais que lhe cobriram o corpo.

Relatou na segunda porta, aquela que escondia as lembranças do amor vivido e partido.

Mas, atraída pelas memórias ali contidas, percorreu com as mãos ternos, camisas, um pijama especial, a camisa do time, e até um par de meias, retrato fiel dos pés do seu amor.

Cada qual contava uma história, não mais possível de ser revivida. Até as marcas rasgadas invadiam o passado vivido, com beijos e até atos incontáveis de pura pornografia, sem pecado.

As vestimentas estavam separadas por um cabide de madeira, que permanecia solitário, como se não tivesse nada para contar.

E não tinha mesmo, ao menos nesta vida.

A roupa preferida, um lindo terno Príncipe de Gales, empreendeu a última viagem do amor da sua vida.

Parecia sem importância o dito cabide, mas, no universo da vida ali estava, marcando território de um amor que partiu sem hora marcada.

Ungiu a peça que teimava em viver, existir, e voltou para a janela que dava para a noite escura, sem chuva, com estrelas e uma lua pendurada no céu.

Não estava mais só.

É verdade que a goteira que a embalou também se fora.

Mas, não estava mais só, não mesmo.

Tinha a sua janela, um cabide que sacudia a sua imaginação de um amor presencial e nos céus o visível transitar do seu amor, partilhando a lua e as estrelas que brincavam dando-lhe acenos convidando para um brinde e um até breve.

Hoje, a mesma casa vazia, dois cabides que dançam, uma goteira que teima em vir nos dias chuvosos, são a marca do tempo de um grande amor vivido, cujos capítulos seguintes ficam reservados a Deus escrever.

José Altevir M. B. da Cunha

6

Senhora Empatia

Conhecida por poucos
Como quem traz calma
Temida por vários
Concede inestimável valentia

Doce feito Mel
Leve feito ar
Mora lá no céu
E está a nos rondar

Seu nome? Paz
Sobrenome? Empatia
Objetivo? Chegar a seu cais
E habitar na sua melodia

Ela vem para ajudar

Então, aceite-a!

Ela vem para te aliviar

Leve-a contigo!

Gabriel de Souza Mussato

7

Sociedade apática

Um papel amassado e uma caneta na mão
E um velho ditado "Para o bem da nação"
Um país desarmado lutando na guerra.

Guerra dos pobres, famintos,
em noites inflamadas
preenchendo as calçadas.

Guerra de mulheres caladas, vivendo a deriva
das marcas deixadas, marcas
espalhadas pelo corpo, derramando pelos olhos
e secando no abandono.

Guerra das cores julgadas, por uma sociedade incolor
Uma justiça que exalta o caos
Um mundo que ironiza a dor.

Onde estão as nossas armaduras?
Os "soldados" da pátria, defendem uma nação?
Ou continuam andando com uma venda nos olhos
e uma bandeira nas mãos.

Leticia Antunes Ribas

8

Um poema a menos

Vem, chamou a palavra, a meu corpo ainda insosso.
Nem sabes quem tu és, zombou a palavra, do meu íntimo ralo.
Caótica! Referiu-se a palavra, a minha exterioridade.
Adornar-me, solicitou a palavra, ao mostra-la a humanidade.
Apareça-me, requereu a palavra, a minha demora de ser.
Mistura-me, orou a palavra, ao ar que eu respirava.
Vem falar de mim! Exigiu a palavra, a minha mão sem caminho.
Veja-me, sussurrou a palavra, a minha visão turva,
Reconhece-me, balbuciou triste a palavra, a minha indiferença.
Conjura-me, pediu a palavra, a minha mente solta.
Volta! Gritou a palavra, a meu corpo partindo.
Guarda-me, sugestionou a palavra, a minha insuportável compaixão.
Aponha-me, disse a palavra, ao meu poema tímido.
Sou, concluiu a palavra, (pois já era poema), e ao lê-la, lia-se: paz.

Thaynara Cristina Silva

9

Um verso para Humanidade

Nesse verso ligeiro estou abrindo meu cativeiro e desabrochando em força.

Eu declaro a revolta de um povo sem nome, de um grito derramando pela boca e caindo no esquecimento.

Eu declaro um passado que ainda pulsa, ainda queima na pele e arrepia, um passado que se sofre mais a cada dia.

Eu declaro aqui o veneno que sentenciou as cores, as raças, os gêneros, as classes.

O veneno que se ofereceu em doses para a humanidade, que oprimiu os fracos e se calou diante da verdade.

A verdade minha, sua, nossa

A igualdade!

Que mora na boca de muitos e se espalha na ação de muito poucos.

Eu declaro por fim que a justiça saia do papel, que ela more em cada casa, em cada esquina, que o termo igualdade se defina.

E quando colocarmos a mão no peito em sinal de respeito a nação, que também seja pra mostrar nosso direito, direito de cidadão!

Gabrieli Krawes

10

Vidas Negras

Era uma tarde de verão quente, muito quente. Na verdade, não me lembro de muitos detalhes, como dizia Tony Webster em *O Sentido de um Fim*, do escritor inglês Julian Barnes, “o que você acaba lembrando nem sempre é a mesma coisa que viu”.

Ademais caro leitor, não pense que essa história que lhe conto não seja um fato. Para ser sincero, guardo essa lembrança faz um bom tempo, e em um final de semana dessas fui entender realmente o que havia acontecido naquele dia, não que tivesse esquecido o que aconteceu, mas o que eu não recordava era o real sentido daquele acontecimento, e talvez por ser criança ainda (acreditem, esse velho eu-lírico que vos fala já foi criança), não interpretei a situação.

Sem mais, como já disse, naquela tarde estava muito quente, mas a lateral da velha casa de madeira de vovó que ficava para o oeste era uma maravilha pela manhã, já que fazia sombra até por volta das onze horas, e eu e minha irmã brincávamos com latas de margarina e de óleo fazendo bolinhos de barro, que depois mais tarde comíamos um por um escondidos. Tivemos então a ideia de subir no pé de abacate para lá fazermos nosso piquenique de bolinhos (terra) e chá (água). Adorávamos subir no abacateiro, pois a vista era realmente maravilhosa, dava para ver boa parte do bairro, e do lado de baixo da rua uma grande e bonita construção de tijolos a vista e telhas francesas. A casa era da família Adam, não o conhecíamos muito, somente o Senhor Adam, que a cada quatro anos vinha pedir voto para o deputado, do qual era assessor pessoal. Eu e Francisca tínhamos muita vontade de brincar com os filhos da senhora Adam, e eles também, quando vinham visitar a obra, ficavam

brincando sentados à beira de onde seria sua varanda nos olhando, e eu sentia em seus olhos a vontade de brincar comigo e com Francisca, pois quando chegavam perto do pé de abacate, a Senhora Adam já gritava: “Antony! Dominic! Já para cá, não se esqueçam do que vos disse em casa crianças.” As crianças mais que depressa saíam correndo como se fossemos verdadeiros animais selvagens, e se não fosse pela senhora Adam, eu juro que eu e Francisca correríamos brincar com aqueles dois meninos naquele monte de areia e pedra, pois toda vez que olhávamos para ela, ela nos fuzilava com os olhos.

Mas aquele dia aconteceu algo que eu e Francisca realmente não entendemos. A família Adam havia chegado, pois tinha acontecido um furto naquela obra, e o mestre de obras estava reclamando sobre suas ferramentas que haviam desaparecido misteriosamente. A senhora Tereza, que também morava do outro lado da rua, e seria a vizinha do lado esquerdo da família Adam, corra para saber o que estava acontecendo. Na verdade ela sempre queria saber de tudo o que acontecia em todo o bairro.

Enquanto eles todos discutiam, sobre os perigos em que poderia haver no bairro que ficava do nosso lado da rua, em relação ao deles, pensavam em quantos metros deveria ser o muro que separaria as belas casas com padrões europeus, das nossas que ficavam do outro lado da rua, muitas nem banheiro não tinham, que era o caso da nossa casa que vovó não lhe sobrara para construir um como sonhávamos. Foi quando então passou do outro lado da rua assoviando um samba, o senhor Zeca.

O senhor Zeca, ou Zequinha para os mais velhos que chegaram a ser amigo de infância dele, era já velho, um pouco corcunda, menos preto que vovó, porém, bem mais enrugado. Fumava um cachimbo no canto dos lábios e era quem tinha ensinado todos os capoeiristas das rodas de quinta a como dançar/lutar. Ele era muito divertido, fazia pinhão para presentear as crianças do bairro, e sempre fazia pipas para Francisca e eu brincarmos. Realmente o senhor Zeca era tão bondoso para com as crianças, que se os anjos e arcanjos fossem pretos, seria assim como o senhor Zeca, e teriam o seu coração. Sempre quando ele passava perto da construção, quando já ficava com as costas para a mesma a senhora

Adam se benzia com o sinal da cruz, pois a senhora Tereza dissera a ela, que ele era um velho bruxo que via o futuro das pessoas.

Logo que ele passou viu em uma moita, que ficava em frente a um terreno baldio algo brilhando, quando se aproximou, viu uma chave de fenda, e um disco de uma das ferramentas cortantes, brilhava tanto, mais tanto, que o senhor Zeca com sua simplicidade com certeza nunca tinha visto algo daquele jeito. Não sei se pela idade, curiosidade ou o que, passou um daqueles objetos no rosto para sentir a sensação do metal brilhoso, liso, e afiado, e imediatamente correu-lhe o sangue ao rosto... Não demorou, e começou a gritar:

- "Aqui! Aqui! Encontrei".

Já a senhora Tereza, imediatamente exclamou:

- "Não lhe disse senhora Adam, que com certeza o bandidinho seria da comunidade".

Eu e Francisca não sabíamos o que fazer, pois o senhor Zeca, não estava sabendo explicar o que havia acontecido, e estavam colocando um pobre velho de 87 anos na posição de um infrator, e ele não estava percebendo, mas sorria levantando as ferramentas como se tivesse encontrado um tesouro e fosse o salvador da pátria, um verdadeiro herói. Concorde, eu e Francisca fomos covardes, mas se vovó nos pegasse em meio a uma confusão ficaríamos de castigo por dias.

De repente, não consigo me lembrar com tanta riqueza de detalhes, pois tudo aconteceu de forma muito rápida, chegou o carro do comandante da cidade, um senhor assim de meia idade, com aspecto de velho, devido à péssima alimentação que mantinha. Ele desceu do carro, mais precisamente uma 4X4, e ouvindo poucas palavras da senhora Adam, e de dona Tereza, que babava veneno, já deu um baita tabefe no senhor Zeca, que fez com que Francisca, soltasse um enorme berro, como se fosse ela mesmo quem levara o golpe, já eu perdi a fala imediatamente.

Coitado do seu Zeca, um pobre velho, foi levado no camburão, se sentindo totalmente humilhado, e sua expressão era de quem não havia entendido o que realmente estava acontecendo. Ao sair do carro, percebemos tanto eu quanto Francisca o sorriso cínico da senhora Adam e da senhora Tereza.

Depois que os serventes da obra carregaram todas as ferramentas novamente para a construção, o filho menor da senhora Tereza que brincava no gramado de sua casa, veio e disse:

- Ah, agora eu e meu irmão não poderemos mais brincar de sermos engenheiros...

- Como assim querido? – disse a senhora Tereza, indagada com o comentário do pequeno.

- É que eu e o Lucas, meu irmão, brincávamos ontem com as ferramentas que encontramos caídas pela construção a fora.

A senhora Tereza ficou muito envergonhada, e quando foi se justificar e pedir mil desculpas, a senhora Adam já lhe disse, balançando a mão da direção dos ombros para frente e quebrando a munheca, como que queria mostrar as unhas vermelhas que com certeza devia ter pintado em um salão pela aquela manhã mesmo:

- Há! Há! Há! Há! Nem sem preocupe senhora Tereza, querida, crianças são assim mesmo, gostam de aprontar, meus meninos também são bem levados...

- Vamos nos dar muito bem senhora Adam... Sorriu satisfeita.

Cada uma voltou para suas vidas pacatas, e o velho Zeca, ainda ficou dois dias na prisão, nem se lembraram do pobre diabo. Somente foi solto quando o Escrivão mandou chamar à senhora Adam para assinar o registro de queixa.

Naquela época não entendi com clareza... Para falar a verdade eu e Francisca vibramos de alegria quando o senhor Zeca saiu da prisão. Nem tinha apanhado muito, ficamos felizes e agradecíamos a Deus por ele ter tido sorte. Com certeza naquela idade não aguentaria nem um mês preso, com uma alimentação ruim, e ainda recebendo maus tratos.

Hoje posso lhes contar, pois em um fim de semana desses depois de tantos anos, me olhei no espelho e me lembrei dos olhos do Senhor Zeca, assim, como os meus... Cansados, pretos, e com bolsas como se fossem de olheiras, mas na verdade são dos cansaços acumulados ao longo da vida, mas mesmo apesar das bolsas de olheiras, transmitiam muito amor e ternura. Lembrei-me, do sorriso da senhora Adam e da senhora Tereza, não somente cínicos, como me pareceu quando criança...

Mas sim, um sorriso de ódio, e de realização ao ver alguém sendo humilhado.

O velho Zequinha, ainda está vivo na verdade, dentro de tantos outros, da mesma cultura e cor que o senhor Zeca tinha. Que ainda hoje são levados presos injustamente, humilhados, retirados direitos, e até mesmo mortos injustamente. E quantos outros senhores Zecas, que não tem o que comer... E sabe por que nobre leitor? Porque vidas negras... Nem sempre importam...

Harryson Jonas da Silva de Almeida

11

Vivência na paz

No mundo, tormento, pranto a cair,
se reinventar no novo e juntos resistir.
Viver com cooperação na simplicidade
para sobreviver com muita vivacidade.

Respeito e generosidade na convivência.
No estudo e educação, ciência com consciência.
Empatia com respeito em ser o que deseja ver.
Valores e atitudes com justiça para juntos crescer.

Conviver como cidadãos com paciência.
Solidariedade da nação em sua vivência.
Sem prepotência e violência, com tolerância.
Respeito à liberdade mesmo sem concordância.

Na esperança de cumprir os direitos humanos.
Viver com responsabilidade e conscientes planos.
Promover a paz, em cada um de nós e entre nações.
Paz dentro do interior, resiliência e orações.

No breve espaço da vida,
aprender cada dia na lida.
Com amor no coração, tudo se refaz.
Vamos caminhar todos juntos na cultura de paz.

Agnes Izumi Nagashima